

Inconsciente e tempo

Henri Kaufmanner*

RESUMO

No texto discute-se a noção de tempo para a psicanálise, confrontando a idéia de inconsciente como memória, freqüentemente presente no pensamento de Freud, com a idéia de inconsciente a se realizar, presente em Lacan.

Palavras-chave: Inconsciente; Tempo; Memória; Real; Ato.

No início do seminário, “A erótica do tempo” proferido durante o X Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Jacques Allain Miller (2000a) desenvolve algumas considerações sobre o que ele chama “a erótica do espaço” e como essa erótica desvirtua as relações de distância. Miller nos convida a pensarmos em um objeto que se situe, diante de nós, a uma determinada distância, digamos uns dois ou três metros, e nos mostra que a partir dessa erótica esse objeto pode se tornar inacessível.

Ele nos lembra, de maneira ilustrativa, que esse é o próprio princípio do Édipo, pois, a partir do Édipo, os objetos que nos são mais próximos tornam-se inacessíveis, e assim, os caminhos mais tortuosos e desviados podem ser a melhor maneira de nos aproximarmos desses objetos. Conseqüentemente, podemos perceber que a partir do momento em que o espaço é investido libidinalmente, ele deixa de ser tomado apenas como uma medida possível, para ser experimentado no registro mesmo do sintoma. É essa dimensão sintomática do espaço que interessa à psicanálise.

Nosso ponto de partida é o entendimento de que a psicanálise se aloja no vazio epistemológico que se interpõe entre a retórica e o campo de saber delimitado pelo surgimento da ciência moderna, e assim somos levados a perceber que enquanto psicanalistas,

• Texto recebido em março de 2003 e aprovado para publicação em maio de 2003.

* Psiquiatra, psicanalista, professor do Instituto de Psicologia da PUC Minas, preceptor da Residência de Psiquiatria da Fhemig, membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise-Seção Minas Gerais. e-mail: henri-kaufmanner@uol.com.br

devemos nos interessar exatamente por esse vazio libidinizado, por aquilo do real que o discurso da ciência não alcança e que talvez a fala somente se aproxime pelo caminho do *Witz*, pelo caminho do chiste. Entretanto ressaltamos que, embora o saber da psicanálise situe-se entre a retórica e a ciência, ele não deixa de ser entremeado de elementos originários desse dois campos que lhe fazem borda, ou seja, a psicanálise caminha entre o matema e o bem-dizer.

Detenhamo-nos inicialmente na seguinte questão: qual seria o tempo de uma vida?

Todos estamos acostumados a acompanhar discussões a respeito da duração da vida. A duração é uma medida do tempo espacializado, observável pela sucessão do movimento. Lembro-me de uma senhora psicótica que certa feita entrevistei, numa apresentação de pacientes. Ela dizia não ser verdadeira a idade que seus documentos mostravam, pois na realidade ela havia sido trocada, bem como muitas das pessoas e objetos ao seu redor vinham sendo trocados. Por mais que os objetos e pessoas aparentemente fossem os mesmos, eles eram apenas cópias ou sócias, num quadro que a psiquiatria clássica denomina como Síndrome de Capgras. Essa paciente recusava-se a pagar as taxas a que todos somos convocados a pagar, no cotidiano de nossas vidas.

Recusava-se a pagar o condomínio de seu edifício, por se dizer responsável pela construção do mesmo, e assim já havia pagado o bastante. Da mesma maneira recusava-se a receber a pensão de sua aposentadoria, pois já teria angariado muito dinheiro com tudo que já teria realizado e escrito. Ela afirmava, por exemplo, ser a autora de *Os Lusíadas*. Tal postura se sustentava numa primeira interpretação do sujeito de que ela teria sido trocada e que aqueles que se diziam seus pais faziam-no apenas com o intuito de tê-la como ganha pão, expressão que ela utilizava.

Assim, e isso já é uma construção minha, esta senhora se recusava a qualquer oferta do outro. Aceitar qualquer oferta do outro representaria seu consentimento com a identidade com a qual ela não concordava, afirmando ser essa uma arbitrariedade. Devemos ressaltar que, no que diz respeito a um modo de considerar a arbitrariedade, essa paciente tem toda razão em seus argumentos, pois afinal, somos filhos da arbitrariedade da linguagem.

Esta senhora não desconhecia o movimento bem como não era indiferente à duração do tempo. O que ela na verdade nos mostrava era o seu não assentimento a essa temporalidade, e que sua temporalidade seria aquela de sua primeira interpretação e não da arbitrariedade do *S1*, esse primeiro significante vindo do Outro, significante mestre do Inconsciente responsável pela nomeação que é por ela recusada, recusa que pode ser tomada como um índice de forclusão. Isso nos lembra a afirmação de Lacan que dizia ser o psicótico um mártir do Inconsciente, que o psicótico testemunha o Inconsciente. A recusa de nossa paciente não deixa de explicitar o inconsciente e sua estrutura.

Poderíamos problematizar a questão do tempo perguntando, por exemplo, qual seria a duração de um ato sexual? É possível dizer quando é que ele começa ou então quando é que ele termina?

Numa avaliação rápida, pelo menos a segunda parte dessa pergunta pode parecer

de fácil resposta, particularmente para aqueles que se colocam do lado dos que acreditam ter o falo. Contudo, toda a riqueza de sintomatologia decorrente dos desencontros do sexo nos aponta para o impossível dessa delimitação. O imperativo da duração que se impõe sobre o ato sexual fez proliferar uma infinidade de sujeitos que, das maneiras mais diversas, que vão das práticas clínicas à mídia, passaram a se ocupar e a disseminar um *logos* sobre o sexo que eles acreditam existir. Não podemos deixar de mencionar o estupendo ganho financeiro da indústria farmacêutica, acionária da duração do sexo, e que tem no “Viagra”, a oferta de realização da fantasia masculina do priapismo controlado.

A partir da concepção lacaniana da inexistência da relação sexual, aprendemos que o ato sexual é o ato falho por excelência. Podemos deduzir então que a temporalidade do ato sexual é a mesma de uma formação do Inconsciente. Mas qual seria então a duração de um chiste, ou de um sonho? A experiência do Inconsciente nos ensina que não é muito fácil encontrar uma resposta a essas perguntas, se não nos dermos ao trabalho de pensar o tempo fora de sua dimensão espacial.

Sabemos que Freud, bem precocemente, deu-se a esse trabalho. Já em **A interpretação dos sonhos** ele nos dizia que o Inconsciente desconhece o tempo (Freud, 1900). Essa afirmação que à frente estudaremos de forma mais cuidadosa, nunca foi por ele abandonada. Veremos também em **O mal-estar na civilização**, Freud, no que ele chamou de um vôo da imaginação, ocupando-se em nos mostrar a temporalidade do Inconsciente.

Ele tomou Roma como exemplo, cidade que, devemos lembrar, é chamada de “Cidade eterna”, e aí realizou uma significativa reforma urbanística. Para nos explicar como o Inconsciente experimenta o tempo, ele construiu uma Roma onde todos os seus monumentos, existentes em qualquer momento de sua história, estivessem sempre presentes, no mesmo instante de olhar, mesmo que para isso fosse necessário que ocupassem o mesmo lugar no espaço. Em determinado momento de seu texto, Freud interrompe a construção de sua maravilha arquitetônica e nos diz:

A essa altura não faz sentido prolongarmos nossa fantasia, de uma vez que ela conduz a coisas inimagináveis e mesmo absurdas. Se quisermos representar a seqüência histórica em termos espaciais, só conseguiremos fazê-lo pela justaposição no espaço: o mesmo espaço não pode ter dois conteúdos diferentes. Nossa tentativa parece ser um jogo ocioso. Ela conta com apenas uma justificativa. Mostra quão longe estamos de dominar as características da vida mental através de sua representação em termos pictóricos. (Freud, 1930, p. 88)

Nesse seu esforço, Freud delimitava os impasses produzidos pelo ato de pensar a temporalidade do Inconsciente a partir da perspectiva do tempo espacializado. Ainda hoje, no campo mesmo da psicanálise, encontramos muitas vezes em polêmicas resultantes desse tipo de apreensão do tempo.

Qual seria, portanto, o tempo de uma análise, ou quem sabe, de apenas de uma de suas seções? Qual a duração do ato analítico?

Desde Einstein, a ciência nos ensina que o tempo é relativo e não absoluto como era para Newton. Façamos também um vôo da imaginação. Imaginemos então que um sujeito qualquer, um neurótico qualquer, entre em uma nave espacial para viajar na ve-

locidade da luz, enquanto faz a bordo, a sua seção de análise, conduzida por um analista lacaniano. A Teoria da Relatividade Restrita de Einstein estabelece que todos somos corpos que nos deslocamos à velocidade da luz na dimensão espaço-tempo (Greene, 1999a). Se acelerarmos na coordenada do tempo, nossa aceleração se reduzirá na coordenada do espaço. Se acelerarmos na coordenada do espaço, como no vôo imaginativo que propo-nho, nossa aceleração no tempo será reduzida.

Assim, ao final da sessão lacaniana de nosso neurótico espacial, haverá decorrido na terra um imenso intervalo de tempo. Possivelmente gerações e mais gerações terão se sucedido. Mesmo assim, suponhamos, que ao sair de sua seção de análise, lacaniana insisto, esse sujeito encontre um outro analista (pois apesar do tempo a psicanálise continuará, pelo menos essa é nossa aposta) que criticará a análise de nosso neurótico, pois para este analista essa história de sessões curtas é inimaginável e não passa de um absurdo.

Exageros à parte, esse nosso vôo imaginativo, assim como o de Freud, tem como única justificativa nos mostrar o paradoxo que é pensar o tempo como uma garantia de regularidade, e, por conseguinte pensar a psicanálise a partir da referência espacial do tempo.

Se nos ocuparmos de maneira mais cuidadosa em estudar a evolução do pensamento freudiano, veremos que, por mais que a afirmação de que o Inconsciente desconhece o tempo tenha permanecido ao longo de sua obra, esta não se mostrou suficiente para tranquilizar Freud a respeito de suas questões sobre a origem. Podemos dizer que esta foi uma pergunta que insistiu: Onde ou quando começa o tempo? Sabemos que o ponto de partida de Freud foi sua concepção de trauma, pela qual tudo teria começado em função de uma real sedução de uma criança por um adulto. Logo ele haveria de abandonar essa sua neurótica teoria, a sua *proton pseudos*, substituindo-a pelas protofantasia, lançando mão da idéia de uma herança biológica qualquer, de caráter atávico, anterior mesmo ao próprio sujeito, estabelecendo assim o que me arriscaria a chamar de um tempo antes do tempo.

Devemos ainda levar em consideração as elaborações produzidas por Freud através de suas mitologias, particularmente aquelas presentes em **Totem e tabu** e **Moisés e o monoteísmo**, onde o eixo do desenvolvimento das idéias é exatamente uma questão sobre a origem. Não podemos também deixar de mencionar uma impressão, que não é somente nossa, de que muitas das formulações freudianas operadas a partir da biologia, como, por exemplo, as presentes em **O mal-estar na civilização**, têm um caráter metafórico e quase que mitológico.

Todo esse esforço de Freud pode ser entendido como decorrência direta do estatuto mesmo que ele estabeleceu para o Inconsciente. O Inconsciente foi tomado por Freud como uma memória, um passado que insiste em se repetir da mesma forma, indiferente à sucessão temporal. O inconsciente freudiano é movido pela compulsão à repetição, pressionado pela incessante busca da pulsão por satisfação, e que tem nessa busca mesma, a sua satisfação.

O inconsciente-repetição de Freud obedece a um imperativo de gozo, formalizado em sua segunda tópica como superegótico. Tal imperativo seria cumprido pela trajetória

regressiva da libido a formas anteriores de satisfação. Estas formas primitivas de satisfação, nunca totalmente abandonadas, teriam deixado uma trilha de traços mnêmicos que funcionariam como uma via de retorno a ser seguida pela libido.

Entendida a necessidade de Freud em demarcar um ponto de partida para o Inconsciente, é necessário que avancemos ainda mais para melhor compreender por que tal tarefa teria se tornado tão complexa.

Orientando-nos por Lacan, podemos entender essa trilha regressiva de traços mnêmicos como uma cadeia simbólica. Não é muito difícil transpor a idéia dessa trilha para a noção da série de significantes. A temporalidade assim é simbólica e é quando a libido está interessada na cadeia significante que o tempo, assim como o espaço, faz sintoma. Freud em seu esforço de encontrar o ponto de partida dessa trilha esbarrou sempre em algo da ordem da lembrança encobridora.

Tal fato o teria levado a explicar, já na **Carta 52**, que um registro traumático de natureza sexual somente produziria uma defesa patológica a partir do momento em que atualizasse um traço de uma cena anterior, que em função dessa atualização correria o risco de produzir um novo desprazer (Freud, 1896). Tal explicação se constituiu no *Nachträglich*, no *a posteriori* apontado por Freud no funcionamento do Inconsciente. Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem” nos esclarece:

É que não se trata, para Freud, nem de memória biológica, nem de sua mistificação intuitivista, nem da paramnésia do sintoma, mas de rememoração, isto é, de história... Sejam categóricos: não se trata na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade... (Lacan, 1953, p. 257)

Para falar desse tempo primeiro, portanto, é necessário a Freud fazer história, muitas vezes lançando mão da mitologia. Tal necessidade pode ser explicada pelo fato de que esse momento inicial pertence à categoria do impossível. Esse momento inicial é uma ilusão da significação, o Sujeito Suposto Saber. Por essa via, Freud nos introduziu no registro de uma dupla temporalidade significante. Há um tempo que passa, que se dirige para o futuro e que é continuamente duplicado por um segundo tempo, que se dirige para o passado e que é constitutivo da significação, da ilusão do Sujeito Suposto Saber.

É essa duplicação do tempo, em direção ao futuro e ao passado, que nos dá a ilusão de eternidade, ilusão essa que experimentamos, por exemplo, diante da mitologia criada por Freud. Compreendendo essa duplicidade do tempo, acredito ser possível ter um pouco mais de clareza sobre como as coisas se passam, como no exemplo que apresentei anteriormente, no qual nossa rebelde senhora a partir do tempo presente que se dirige para o futuro, nos apresenta a construção delirante de seu passado.

O inconsciente freudiano é então o Sujeito Suposto Saber, ou seja, a significação produzida pelo sujeito como explicação de sua repetição e que se apresenta para ele como verdade. Podemos então seguir a sugestão que Miller nos dá em seu seminário “Les us du laps” (Os usos do lapso), e chamar o Inconsciente de Freud de inconsciente-saber (Miller, 1999-2000a).

No **Seminário XI** Lacan (1964) diferencia o inconsciente freudiano do lacaniano. Se para Freud a transferência é uma repetição, para Lacan ela ganha o estatuto de uma colocação em ato da realidade do Inconsciente. O inconsciente lacaniano, nos sugere também Miller (1999-2000b), é o inconsciente-sujeito. Um sujeito em afânise, que se apresenta representado por um significante, mas que logo depois cai, eclipsado pelo objeto, na medida em que há um outro significante que não o representa.

A temporalidade do Inconsciente em Lacan, pelo menos na primeira parte de seu ensino, é a temporalidade dessa pulsação de abertura e fechamento das operações de alienação e separação. Um Inconsciente que se faz presente no ato mesmo da fala, vetorizado pelo objeto 'a', que, no mais além da fala, carrega a marca do que não se realizou.

Assim se o Sujeito Suposto Saber, lugar ao qual o analista é endereçado na análise, localiza um suposto passado imperativo, a insistência do objeto 'a', como o que não se deixa alienar pela operação significante e que institui o sujeito como falta-a-ser, remete o Inconsciente para um futuro sempre a se realizar, para um querer ser. O Inconsciente para Lacan se manifesta sempre como o que vacila no corte do sujeito, é, portanto, um Inconsciente que se caracteriza pelo acontecimento, tendo a temporalidade de um lapso, de um clarão, um Inconsciente contingente e que surpreende.

Qual seria então a duração de uma surpresa, de um lapso?

Foi justamente para tentar dar conta dessa temporalidade que Lacan escreveu o seu sofisma sobre o tempo lógico (Lacan, 1945).¹ Os seus três prisioneiros são sujeitos lógicos, sem qualidades, sujeitos cartesianos, que apenas importam por seu valor significante determinado pelo disco que carregam em suas costas. Podemos associar o valor desses três prisioneiros, por exemplo, com o dos três médicos que aparecem, sob a pena de Freud, no segundo tempo do sonho de injeção de Irma e que são fruto da decomposição do Eu de Freud.

No sofisma lacaniano, os prisioneiros somente encontram sua liberdade após um instante de ver, um tempo de compreender, tempos lógicos no qual são capazes de calcular o disco que carregam em suas costas. Contudo esse cálculo, embora dedutível, é incerto, extraindo cada sujeito sua certeza apenas no momento de concluir, momento que se caracteriza pelo ato que cada um faz, extraindo desse ato, cada um, sua certeza.

Há, portanto uma precariedade do simbólico que se manifesta pela descontinuidade no tempo, uma descontinuidade que Lacan localiza no Inconsciente como a presença de um real e que somente um ato, que produz um forçamento na certeza, é capaz de concluir. Assim, o Inconsciente lacaniano somente se realiza no ato.

Se pensarmos a partir da referência lacaniana do Inconsciente, os paradoxos sobre o movimento de Zenão, que Aristóteles nos apresenta em sua **Física** (*apud* McKeon,

¹ Nesse sofisma, Lacan nos diz de um diretor de prisão que chama três prisioneiros para oferecer-lhes a liberdade. Essa contudo somente seria alcançada pelo prisioneiro que primeiro identificasse a cor do disco que estaria fixado em suas costas, deduzindo-a sem vê-la, espelhando-se apenas na visão dos discos fixados nas costas dos outros dois prisioneiros. Aos prisioneiros era dada ainda a informação de que os discos que estariam nas costas de cada um seriam escolhidos de um universo de três discos brancos e dois discos pretos.

1941), ganham particular importância. Pois da mesma forma que, para Zenão, que em um de seus paradoxos afirmava que Aquiles jamais alcançaria a tartaruga, pois entre os dois estender-se-ia um tempo ou espaço infinitos, para nós psicanalistas que nos orientamos pelo ensino de Lacan, há também um infinito impossível de calcular, e que se esconde por detrás do “semblante” do objeto, que assim se revela como uma mera aparência, uma ficção que vela as descontinuidades do Inconsciente. O infinito aqui, portanto, não deve ser entendido como o infinito dos gregos, que está sempre mais além, mas como um infinito tomado na série convergente, real, o infinito do cálculo infinitesimal, do número irracional.

Assim, como nos diz Miller (2000b), a seção lacaniana não é curta, nem variável como alguns teimam em chamar, a seção lacaniana é infinita. Cabe ao analista fazer valer o ponto infinito diante do qual o sujeito neurótico se detém no tempo de compreender, na vertente retroativa do tempo, estratégia neurótica para evitar a angústia que o encontro com o incalculável do real poderia lhe produzir.

Retomando, se temos então em Freud o Inconsciente e, portanto, a transferência como repetição, a função da psicanálise seria restabelecer a temporalidade do Inconsciente, a partir da restauração da continuidade de sua história, vencendo a compulsão à repetição pelo levantamento do recalque. Mas se a repetição se constitui como evitação do real, não é difícil pensar, portanto que tal concepção fatalmente esbarraria na análise interminável, no rochedo por trás do qual se vislumbraria um real, na medida em que por detrás dessa barreira há um impossível não objetivável, fora do alcance do significante.

Para Lacan a conclusão da análise tem uma fundamentação lógica e ética. A conclusão se opera pelo passe,² um salto que o sujeito opera pela via singular do ato diante do incalculável do $S(\mathbf{A-})$ ponto de não saber, e que é verificável por seus efeitos, assim como os três prisioneiros do sofisma puderam verificar, após a saída simultânea de todos, que haveria um elemento objetivável a partir do ato de cada um.

Contudo, o final da análise, para Lacan, vai além dos “semblantes”. Se no **Seminário II** ele já afirmava que o nome é o tempo do objeto (Lacan, 1955), com o dispositivo do passe ele propõe verificar se o sujeito vai além do “semblante”, ou seja, do mero atravessamento imaginário, tocando em sua análise o gozo, no que ele tem de real, de infinito, para que, quem sabe, ele não venha precisar tamponar com seus semblantes de objeto, com sua fantasia, a falta real do analisante.

Einstein não se rendeu aos avanços da mecânica quântica e seus princípios de inconstância e cálculos de probabilidade. Talvez lhe fosse difícil aceitar que o real é contingente, não segue uma lei, não tem uma regularidade. Diante da inconstância defendida pela mecânica quântica, Einstein teria afirmado que Deus não joga dados (Greene, 1999b).

² Dispositivo criado por Lacan, em que o analisante relata sua análise a um cartel (um grupo composto por 4 + 1 membros). A partir dos efeitos produzidos no cartel pelo relato da análise, pode-se verificar se um passe se fez, ou seja, se um analista foi produzido por essa análise, e se é possível produzir um novo saber, transmissível, sobre essa experiência.

O pequeno Hans defendeu-se dessa falha fundamental do grande Outro, através de uma fobia, que escolheu como objeto um cavalo, após a constatação de que do meio da regularidade do mundo, a cabeça deste animal sobressaía-se pela aceleração e imponderabilidade de seus movimentos. Schreber precisou encontrar o seu caminho após a ruptura da “Ordem do Mundo”, estupefato diante de um Deus tão inconstante e desconhecedor dos homens.

A psicanálise, a partir de sua restauração por Lacan, vem reforçando sua aposta no sujeito enquanto descontinuidade, enquanto imprevisível. Apostamos que é possível se livrar do imperativo ontológico e superegóico da repetição, da regularidade de um Outro estável e ilusoriamente garantidor. Sabemos assim como Freud, e por que não dizer, assim como Schreber e o pequeno Hans, que o grande Outro é enganador. Acreditamos que o sujeito é criador e que não se acomoda com o *standard*, mas que pode operar o mal estar a partir da surpresa, desde que possa apostar na sua capacidade de invenção, desde que lhe seja possível um *Witz*.

ABSTRACT

This paper discusses the psychoanalytic notion of time, confronting the Freudian idea of the unconscious as memory, recurrent in Freud's thought, with the idea of the unconscious to be accomplished, as found in Lacan.

Key words: The unconscious; Time; Memory; The real; Act.

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1930) **O mal-estar na civilização**. v. XXI. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos**. v. V. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, S. (1896) **Carta 52**. v. I. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GREENE, B. (1999) **O universo elegante**. Trad. J. V. Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LACAN, J. (1953) **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Escritos. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1945) **O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada**. Escritos. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. v. 2. O seminário. Trad. M. C. L. Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Seminário proferido em 1954-1955).
- LACAN, J. (1964) **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. v. 11. O seminário. Trad. M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MCKEON, R. **The basic works of Aristotle**. New York: Random House, 1941.
- MILLER, J-A. **A erótica do tempo**. Rio de Janeiro: EBP, 2000.
- MILLER, J-A. **Les us du laps**. Seminário ministrado em Paris, França, 1999-2000. Inédito.